

PETER FRANKOPAN

O
CORÇÃO
DO
MUNDO

UMA NOVA HISTÓRIA
UNIVERSAL A PARTIR DA
ROTA DA SEDA,
O ENCONTRO DO ORIENTE
COM O OCIDENTE

Tradução:

Luis Reyes Gil

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

Nota sobre a transliteração.	II
Prefácio	13
1. A criação da Rota da Seda	21
2. A rota dos credos religiosos	49
3. A rota para um Oriente cristão	67
4. A rota da revolução	85
5. A rota da concórdia	101
6. A rota das peles	125
7. A rota dos escravos	141
8. A rota para o céu	161
9. A rota para o inferno	185
10. A rota da morte e da destruição	203
11. A rota do ouro	231
12. A rota da prata	249
13. A rota para o norte da Europa	273
14. A rota para o império	295
15. A rota para a crise	313
16. A rota da guerra	327
17. A rota do ouro negro	357
18. A rota da conciliação	377
19. A rota do trigo	395
20. A rota do genocídio	415

21. A rota da Guerra Fria	437
22. A Rota da Seda americana	459
23. A rota da rivalidade entre as superpotências	479
24. A rota da catástrofe	501
25. A rota da tragédia	535
Conclusão: a nova Rota da Seda	557
Notas	573
Agradecimentos	659
Índice remissivo	663

CRÍTICA

Nota sobre a transliteração*

Os historiadores tendem a ficar ansiosos em relação à questão da transliteração. Num livro como este, baseado em fontes primárias escritas em diversas línguas, não é possível ter uma regra consistente a respeito de nomes próprios. Em vários casos, preferi deixá-los em sua forma original, em vez de usar certas formas adaptadas à nossa língua. Por preferência pessoal, usei Gengis Khan, Trótski, Kadafi e Teerã, mesmo que outras escritas possam ser mais precisas; por outro lado, evitei formas alternativas para Beijing (Pequim) e Guangzhou (Cantão). Lugares cujos nomes mudam ao longo do tempo são particularmente difíceis. Faço referência à grande cidade do Bósforo como Constantinopla até o final da Primeira Guerra Mundial, e a partir daí passo para Istambul; refiro-me à Pérsia até a mudança formal do nome do país para Irã em 1935. Peço tolerância aos leitores que forem mais exigentes em termos de consistência.

* Procuramos respeitar as preferências do autor, mantendo, porém, as transliterações consagradas em língua portuguesa, em favor da clareza (por exemplo, Pequim, em lugar de Beijing – mesmo contrariando neste caso a escolha do autor). Em nomes muito infrequentes, acrescentamos uma alternativa entre colchetes – como em Yazdagird I [Isdigerdes I]. [N. T.]

CRÍTICA

Prefácio

Quando era criança, uma das minhas posses mais queridas era um grande mapa-múndi. Ele ficava pendurado na parede ao lado da minha cama, e eu o observava toda noite antes de dormir. Em pouco tempo, sabia de cor os nomes e a localização de cada país, suas capitais, oceanos e mares, e os rios que corriam por eles; e também os nomes das grandes cadeias de montanhas e desertos, escritos num imponente itálico, vibrando de aventura e perigos.

Já adolescente, sentia um desconforto com o foco geográfico sempre muito estreito das minhas aulas na escola, que se resumiam apenas à Europa Ocidental e aos Estados Unidos e deixavam a maior parte do resto do mundo intocada. Ensinava-se algo a respeito dos romanos na Bretanha; da conquista normanda de 1066; Henrique VIII e os Tudor; a Guerra de Independência Norte-Americana; a industrialização da era vitoriana; a batalha do Somme; e a ascensão e queda da Alemanha nazista. Olhava meu mapa e via que tínhamos passado em silêncio por imensas regiões do mundo.

Quando completei catorze anos, meus pais me deram um livro do antropólogo Eric Wolf, que acendeu o estopim. A história preguiçosa e aceita da civilização, escreve Wolf, é aquela em que “a Grécia Antiga gerou Roma, Roma gerou a Europa cristã, a Europa cristã gerou o Renascimento, o Renascimento o Iluminismo, o Iluminismo a democracia política e a Revolução Industrial. A indústria, por sua vez, cruzou com a democracia e produziu os Estados Unidos, que incorporaram os direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade”.¹ Reconheci de imediato que era exatamente essa a história que haviam me contado: o mantra do triunfo político, cultural e moral do Ocidente. Mas era um relato falho; havia maneiras alternativas de olhar para a história, que não envolviam tratar o passado sob o enfoque dos vencedores da história recente.

Fui fisgado. De repente ficou óbvio que as regiões que não nos eram ensinadas haviam se perdido, sufocadas pela insistente história da ascensão da Europa. Pedi que meu pai me levasse para ver o Mapa-Múndi Hereford, que colocava Jerusalém como seu foco e ponto médio, com a Inglaterra e demais países ocidentais deslocados para o lado, absolutamente irrelevantes. Quando li sobre geógrafos árabes, cujas obras eram acompanhadas por mapas que pareciam de cabeça para baixo e que colocavam o mar Cáspio no centro, fiquei atônito – como também fiquei ao descobrir um importante mapa medieval turco em Istambul, que tinha no centro uma cidade chamada Balāsāghūn, da qual eu nem sequer ouvira falar, que não aparecia em nenhum mapa, cuja localização era incerta até recentemente e que, no entanto, já havia sido considerada o centro do mundo.²

Queria saber mais sobre a Rússia e a Ásia Central, sobre a Pérsia e a Mesopotâmia. Queria entender as origens do cristianismo quando visto a partir da Ásia; e também como os cruzados viam as pessoas que viviam nas grandes cidades da Idade Média – Constantinopla, Jerusalém, Bagdá e Cairo, por exemplo; queria aprender sobre os grandes impérios do Leste, sobre os mongóis e suas conquistas; e compreender de que modo as duas guerras mundiais eram entendidas quando olhadas não a partir de Flandres ou do front oriental, mas do Afeganistão e da Índia. Assim, foi muito auspicioso ter a oportunidade de aprender russo na escola, onde fui ensinado por Dick Haddon, um homem brilhante, que trabalhou nos serviços de inteligência da Marinha e acreditava que a maneira de compreender a língua russa e a *dusha*, ou alma do país, era por meio de sua cintilante literatura e música folclórica. Me senti mais afortunado ainda quando ele se ofereceu para dar aulas de árabe a quem tivesse interesse, apresentando a uma meia dúzia de alunos a cultura e a história islâmica, e mergulhando-nos na beleza do árabe clássico. Essas línguas ajudaram a desvendar um mundo que estava à espera de ser descoberto, ou, como logo compreendi, ser redescoberto por alguns de nós no Ocidente.

Hoje, dá-se muita atenção a avaliar o provável impacto do rápido crescimento econômico da China, onde se prevê que a demanda por bens de luxo irá quadruplicar na próxima década, ou acompanhar a mudança social na Índia, onde as pessoas que têm acesso a celular superam em número as que dispõem de privada com descarga.³ Mas nenhum desses dois países oferece um ponto de vista privilegiado para enxergar o passado do mundo e seu presente. Na

realidade, durante milênios, a região entre o Oriente e o Ocidente, ligando a Europa ao oceano Pacífico, foi a que constituiu o eixo em torno do qual girava o globo.

O ponto médio entre Leste e Oeste, que em linhas gerais estende-se das praias orientais do Mediterrâneo e do mar Negro até o Himalaia, pode parecer uma posição pouco promissora para se avaliar o mundo a partir dela. A região hoje abriga Estados que evocam o exótico e o periférico, como o Cazaquistão e o Uzbequistão, o Quirguistão e o Turcomenistão, o Tadjiquistão e os países do Cáucaso; é uma região associada a regimes instáveis, violentos e que representam uma ameaça à segurança internacional, como Afeganistão, Irã, Iraque e Síria, ou malversados nas melhores práticas da democracia, como Rússia e Azerbaidjão. No conjunto, parece ser uma região de estados falidos ou em vias de falir, conduzidos por ditadores que conseguem maiorias inconcebivelmente altas em eleições nacionais e cujas famílias e amigos controlam vastos interesses comerciais, são donos de imensos ativos e exercem grande poder político. São lugares com índices baixos em direitos humanos, onde a liberdade de expressão em questões de fé, consciência e sexualidade é limitada, e onde a mídia é controlada.⁴

Embora tais países possam parecer desertos para nós, não são áreas desconectadas, ou locais obscuros, devastados. Na realidade, a ponte entre Oriente e Ocidente constitui a própria encruzilhada da civilização. Longe de estarem à margem dos assuntos globais, esses países estão bem no seu centro – como têm estado desde o início da história. Foi aqui que a civilização nasceu, e onde muitos acreditam que a humanidade foi criada – no Jardim do Éden, “plantado pelo Senhor Deus” com “toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento”, que acreditava-se estar localizado nos ricos campos entre o Tigre e o Eufrates.⁵

Foi nessa ponte entre Oriente e Ocidente que grandes metrópoles se estabeleceram há cerca de 5 mil anos, onde as cidades de Harapa e Mohenjo-daro no vale do Indo eram maravilhas do mundo antigo, com populações que chegavam a dezenas de milhares e ruas ligadas a um sofisticado sistema de esgotos que não teria rival na Europa por milhares de anos.⁶ Outros grandes centros da civilização, como Babilônia, Nínive, Uruk e Acad na Mesopotâmia, eram famosos por sua grandiosidade e inovação arquitetônica. Um geógrafo chinês, escrevendo há mais de dois milênios, observou que os habitantes da Bactria, centrada no rio Oxus e hoje localizada no norte do Afeganistão, eram

legendários negociadores e comerciantes; sua capital abrigava um mercado onde uma imensa gama de produtos era comprada e vendida, proveniente de vários locais distantes.⁷

Essa região é onde as grandes religiões do mundo ganharam vida, onde judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo abriram caminho aos empurrões. É o caldeirão onde grupos linguísticos competiam, onde línguas indo-europeias, semíticas e sino-tibetanas insinuavam-se entre aqueles que falavam altaico, túrquico e caucasiano. É onde grandes impérios surgiram e entraram em colapso, onde os efeitos dos choques entre culturas e rivais eram sentidos a milhares de quilômetros de distância. A partir dessa posição, abriram-se novas maneiras de enxergar o passado e descortinou-se um mundo profundamente interconectado, onde o que ocorria num continente tinha impacto em outro, onde as repercussões do que acontecia nas estepes da Ásia Central podiam ser sentidas no Norte da África, onde eventos em Bagdá ressoavam na Escandinávia, onde descobertas nas Américas alteravam os preços de produtos na China e criavam um surto na demanda dos mercados de cavalos no norte da Índia.

Esses abalos eram transmitidos ao longo de uma rede que se abre em todas as direções, em rotas por onde peregrinos e guerreiros, nômades e comerciantes viajaram, bens e produtos foram comprados e vendidos, e ideias foram intercambiadas, adaptadas e refinadas. Tais rotas levaram não só prosperidade, mas também morte e violência, doenças e desastres. No final do século XIX, essa ampla rede de conexões recebeu um nome, dado por um eminente geólogo alemão, Ferdinand von Richthofen (tio do exímio piloto da Primeira Guerra Mundial, o “Barão Vermelho”), que desde então se firmou: “Seidenstraßen” – Rotas da Seda.⁸

Essas trilhas são como o sistema nervoso central do mundo, ligando povos e lugares, mas ficam sob a pele, invisíveis a olho nu. Assim como a anatomia explica de que forma o corpo funciona, compreender essas conexões nos permite entender como o mundo opera. No entanto, apesar da importância dessa parte do mundo, ela tem sido esquecida pela corrente principal da história. Em parte, isso se deve ao que tem sido chamado de “orientalismo” – a visão estridente, predominantemente negativa do Oriente, como subdesenvolvido e inferior ao Ocidente e, portanto, não merecedor de um estudo sério.⁹ Mas também decorre do fato de que a narrativa do passado tornou-se tão dominante e bem estabelecida que não há lugar para uma região que há

muito tempo é vista como periférica em relação à história da ascensão da Europa e da sociedade ocidental.

Hoje, Jalalabad e Herat no Afeganistão, Faluja e Mosul no Iraque ou Homs e Aleppo na Síria parecem sinônimos de fundamentalismo religioso e violência sectária. O presente varreu o passado: vão longe os dias em que o nome Cabul despertava imagens de jardins plantados e cuidados pelo grande Bābur, fundador do Império mogol na Índia. O Bagh-i-Wafa (“Jardim da Fidelidade”) incluía um tanque rodeado de laranjeiras e romãzeiras e uma campina de trevos – dos quais Bābur era extremamente orgulhoso: “Esta é a melhor parte do jardim, uma visão belíssima quando as laranjas ganham cor. Sem dúvida, este jardim tem uma localização admirável!”.¹⁰

Do mesmo modo, as impressões modernas a respeito do Irã têm obscurecido as glórias de sua história mais distante, quando seus predecessores persas eram sinônimo de bom gosto em tudo, desde as frutas servidas no jantar aos impressionantes retratos em miniatura produzidos por seus legendários artistas, ou ao papel sobre o qual os eruditos escreviam. Uma obra de belíssima confecção, escrita por Simi Nishāpūrī, um bibliotecário de Mashad no leste do Irã por volta de 1400, registra em meticolosos detalhes o conselho de um amante dos livros que compartilhava sua paixão. Qualquer um que pense em escrever, recomendava ele de modo solene, deve ser informado de que o melhor papel para caligrafia é produzido em Damasco, Bagdá ou Samarcanda. Papel de outros lugares “em geral é tosco, mancha e é impermanente”. Tenha em mente, adverte ele, que vale a pena dar ao papel um leve matiz antes de aplicar-lhe a tinta, “porque o branco ofusca os olhos e os melhores exemplos caligráficos que temos observado são feitos todos sobre papel matizado”.¹¹

Lugares cujos nomes estão quase esquecidos eram antes proeminentes, como Merv, descrita por um geógrafo do século X como uma “cidade encantadora, refinada, elegante, brilhante, ampla e agradável” e como “a mãe do mundo”; ou Rayy, não distante da moderna Teerã, que para outro escritor mais ou menos da mesma época era tão gloriosa que merecia ser considerada “a noiva da Terra” e “a mais bela criação do mundo”.¹² Pontuando a espinha da Ásia, essas cidades eram ligadas como pérolas, conectando o Pacífico ao Mediterrâneo.

Centros urbanos incentivavam-se mutuamente, com as rivalidades entre governantes e elites dando lugar a arquiteturas cada vez mais ambiciosas e a

monumentos espetaculares. Bibliotecas, locais de culto, igrejas e observatórios de escala imensa, assim como influências culturais diversas pontuavam a região, ligando Constantinopla a Damasco, Isfahan, Samarcanda, Cabul e Kashgar. Cidades como essas tornaram-se sede de eruditos brilhantes, que fizeram avançar as fronteiras de suas disciplinas. Conhecemos hoje apenas um punhado deles – homens como Ibn Sīnā, mais conhecido como Avicena, al-Bīrūnī e al-Khwārizmī – gigantes nas áreas de astronomia e medicina; mas havia muitos outros. Durante séculos antes dos primórdios da era moderna, os centros intelectuais de excelência do mundo, as Oxford e Cambridge, as Harvard e Yale, não ficavam na Europa ou no Ocidente, mas em Bagdá e Balkh [Bactro], Bucara e Samarcanda.

Havia boas razões para que as culturas, cidades e povos que viviam ao longo das Rotas da Seda se desenvolvessem e avançassem: à medida que comerciavam e trocavam ideias, aprendiam e emprestavam umas das outras, estimulando mais avanços em filosofia, ciência, idiomas e na religião. O progresso era essencial, como sabia muito bem há mais de 2 mil anos um dos governantes do reino de Zhao, no nordeste da China. “Talentos para seguir os caminhos de ontem”, declarou o rei Wu-ling em 307 a.C., “não é suficiente para melhorar o mundo de hoje.”¹³ Líderes do passado entendiam o quanto era importante ficar em dia com a própria época.

Mas o manto do progresso deslocou-se no início do período moderno como resultado de duas grandes expedições marítimas no final do século XV. No decorrer de seis anos, na década de 1490, foram lançadas as bases de uma grande ruptura no ritmo de sistemas de intercâmbio consagrados. Primeiro, Cristóvão Colombo cruzou o Atlântico, abrindo caminho para duas enormes massas de terra até então intocadas e ligando-as à Europa e a locais além dela; depois, poucos anos mais tarde, Vasco da Gama conseguiu contornar a ponta sul da África, continuando dali até a Índia, abrindo com isso novas rotas marítimas. As descobertas alteraram padrões de interação e comércio e efetivaram uma notável mudança no centro de gravidade político e econômico do mundo. Repentinamente, a Europa Ocidental foi transformada e deixou sua posição de região periférica para se tornar o fulcro de uma onda de comunicação, transporte e de um sistema de comércio abrangentes: num único golpe, tornou-se o novo ponto médio entre Oriente e Ocidente.

A ascensão da Europa disparou uma feroz batalha por poder – e pelo controle do passado. À medida que os rivais se posicionavam um em relação ao

outro, a história foi sendo remodelada para enfatizar eventos, temas e ideias que pudessem ser usados nos confrontos ideológicos travados com furor, ao lado da luta para obter recursos e controlar as rotas marítimas. Foram erguidos bustos de políticos e generais destacados vestindo togas, para fazê-los parecer heróis romanos do passado; novos edifícios magníficos construídos em grandioso estilo clássico apropriaram-se das glórias do mundo antigo como se fossem seus antecedentes diretos. A história foi distorcida e manipulada para criar uma insistente narrativa, na qual a ascensão do Ocidente era não só natural e inevitável, mas uma continuação do que havia ocorrido antes.

Muitas histórias me fizeram olhar para o passado sob uma ótica diferente. Mas uma delas se destaca. Segundo a mitologia grega, Zeus, o pai dos deuses, soltou duas águias, uma em cada canto da Terra, e ordenou que voassem para se encontrar. Uma pedra sagrada, o ônfalo [*omphalos*] – o umbigo do mundo –, foi colocada no ponto em que se encontraram, para permitir a comunicação com o divino. Aprendi mais tarde que o conceito dessa pedra tem sido há muito tempo uma fonte de fascínio para filósofos e psicanalistas.¹⁴

Lembro que fiquei olhando para o meu mapa da primeira vez que ouvi essa história, tentando imaginar onde as águias teriam se encontrado. Imaginei que uma teria partido das praias do Atlântico ocidental e a outra da costa do Pacífico na China, indo para o interior. O local preciso mudava, dependendo de onde eu colocasse meus dedos para começar a medir distâncias iguais de leste a oeste. Mas sempre terminava em algum ponto entre o mar Negro e as montanhas do Himalaia. Eu ficava acordado à noite ponderando a respeito do mapa na parede do meu quarto, das águias de Zeus e da história de uma região que nunca era mencionada nos livros que eu lia – e que não tinha nome.

Não faz muito tempo, os europeus dividiram a Ásia em três grandes zonas – o Oriente Próximo, o Oriente Médio e o Extremo Oriente. Mas sempre que eu ouvia falar ou lia sobre problemas contemporâneos enquanto crescia, parecia que a segunda dessas zonas, o Oriente Médio, havia mudado de sentido e até de lugar, sendo usado para se referir a Israel, Palestina e à área em volta, e ocasionalmente ao Golfo Pérsico. E eu não conseguia entender por que continuavam me falando da importância do Mediterrâneo como berço da civilização, quando parecia tão óbvio que não era ali que a civilização havia de fato sido forjada. O verdadeiro cadinho, o “Mediterrâneo” no sentido

literal – o centro do mundo –, não era um mar separando a Europa do Norte da África, mas ficava bem no centro da Ásia.

Minha esperança é que eu possa encorajar outras pessoas a estudar os povos e lugares que têm sido ignorados durante gerações, ao colocar novas questões e abrir novas áreas de pesquisa. Espero estimular que novas questões sejam levantadas a respeito do passado e que os truísmos sejam desafiados e investigados detidamente. Acima de tudo, espero inspirar aqueles que lerem este livro a olhar a história de uma nova maneira.

Worcester College, Oxford

Abril de 2015

CRÍTICA

I

A criação da Rota da Seda

Desde os primórdios dos tempos, o centro da Ásia é onde os impérios foram criados. As terras baixas de aluvião da Mesopotâmia, alimentadas pelos rios Tigre e Eufrates, forneceram a base da própria civilização – pois foi nessa região que as primeiras aldeias e cidades se formaram. A agricultura sistematizada desenvolveu-se na Mesopotâmia e por todo o “Crescente Fértil”, uma faixa de terras altamente produtivas com acesso a água em abundância, estendendo-se do Golfo Pérsico ao litoral do Mediterrâneo. Foi aqui que algumas das primeiras leis codificadas foram disseminadas há cerca de 4 mil anos por Hamurábi, rei da Babilônia, que detalhou as obrigações de seus súditos e definiu pesadas punições pelas transgressões.¹

Embora muitos reinos e impérios tenham surgido desse cadinho, o maior de todos foi o dos persas. Expandindo-se rapidamente no século VI a.C., a partir de uma terra situada no atual sul do Irã, os persas dominaram seus vizinhos, alcançaram as praias do Egeu, conquistaram o Egito e expandiram-se para leste até o Himalaia. Seu sucesso deveu-se muito à sua abertura, a julgar pelo relato do historiador grego Heródoto: “Os persas são muito propensos a adotar costumes estrangeiros”. Os persas se dispunham a abandonar o próprio estilo de vestimenta quando concluíam que a moda do inimigo vencido era superior, o que os levou a tomar emprestado o estilo dos medos e dos egípcios.²

A disposição de adotar novas ideias e práticas foi um fator importante para que os persas construíssem um sistema de administração que lhes permitiu a condução fluente de um império do qual faziam parte muitos povos. Uma burocracia com alta instrução supervisionava a eficiente administração da vida cotidiana do império, registrando tudo, desde os pagamentos aos trabalhadores que serviam a casa real à validação da qualidade e quantidade de bens comprados e vendidos em mercados; eles também cuidavam da manu-

tenção e reparos do sistema de estradas que cruzava o império e era invejado por todo o mundo antigo.³

Uma rede de estradas ligando o litoral da Ásia Menor à Babilônia, a Susa e Persépolis permitia que uma distância de mais de 2.500 quilômetros fosse coberta em uma semana, um feito visto com assombro por Heródoto, que observou que nem neve, chuva, calor ou escuridão podiam retardar a rápida transmissão de mensagens.⁴ O investimento na agricultura e no desenvolvimento de técnicas pioneiras de irrigação para melhorar a produção dos cultivos ajudou a nutrir o crescimento das cidades, possibilitando que populações cada vez maiores fossem sustentadas pelos campos da região – não apenas nas ricas terras agrícolas de ambos os lados do Tigre e Eufrates, mas também em vales servidos pelos poderosos rios Oxus [Oxo] e Iaxartes (hoje conhecidos como Amy Darya e Syr Darya), assim como no delta do Nilo, depois de tomado pelos exércitos persas em 525 a.C. O Império Persa era uma terra de abundância que ligava o Mediterrâneo ao coração da Ásia.

A Pérsia apresentava-se como um exemplo de estabilidade e equanimidade, como demonstra uma inscrição trilingue entalhada na face de uma rocha em Behistun. Escrita em persa, elamita e acadiano, ela registra como Dario, o Grande, um dos governantes mais famosos da Pérsia, controlava revoltas e levantes, expulsava invasores estrangeiros e não prejudicava nem os pobres nem os poderosos. Mantenha o país seguro, ordenava a inscrição, e cuide do povo de maneira justa, pois a justiça é a base do reino.⁵ A tolerância com as minorias era lendária: um dos governantes persas foi chamado de “Messias” e outro foi abençoado pelo “Senhor, o Deus dos céus”, em razão de suas políticas, que incluíram a libertação dos judeus de seu exílio babilônico.⁶

O comércio floresceu na antiga Pérsia, gerando proventos que permitiram aos governantes patrocinarem expedições militares a locais que trouxeram ainda mais recursos para o império. Também propiciou que se entregassem a gostos notoriamente extravagantes. Edifícios espetaculares foram erguidos nas imensas cidades de Babilônia, Persépolis, Pasárgada e Susa, onde o rei Dario construiu um magnífico palácio com ébano e prata da mais alta qualidade do Egito e com cedro do Líbano, ouro refinado da Bactria, lápis-lazúli e cinabre da Sogdiana, turquesa de Khwarezm [Corásmia] e marfim da Índia.⁷ Os persas eram famosos por seu amor ao prazer e, segundo Heródoto, bastava que ouvissem falar de um novo luxo para terem o desejo de possuí-lo.⁸

Sustentando a comunidade comercial havia um agressivo exército, que ajudou a ampliar fronteiras, mas que se tornou também necessário para defendê-las. A Pérsia enfrentou persistentes problemas provenientes do norte, um mundo dominado por nômades que viviam com seus animais de criação em faixas semiáridas de savanas, conhecidas como estepes, que se estendiam do mar Negro pela Ásia Central até a Mongólia. Esses nômades eram famosos por sua ferocidade – dizia-se que bebiam o sangue de seus inimigos e faziam roupas com seus escalpos, e em alguns casos comiam a carne dos próprios pais. Mas a interação com os nômades era complexa, pois, apesar de serem descritos normalmente como caóticos e imprevisíveis, eram parceiros importantes para fornecer animais, sobretudo ótimos cavalos. No entanto, os nômades podiam ser a causa de desastres, como quando Ciro, o Grande, o arquiteto do Império Persa no século VI a.C., foi morto tentando subjugar os citas; sua cabeça foi então carregada dentro de uma pele preenchida com sangue, afirmou um escritor, para que a sede de poder que o havia inspirado pudesse ser então saciada.⁹ Não obstante, esse foi um raro revés, que não deteve a expansão da Pérsia. Os comandantes gregos olhavam para leste com uma mistura de medo e respeito, buscando aprender com as táticas persas no campo de batalha e adotar sua tecnologia. Autores como Ésquilo usavam os sucessos contra os persas como uma maneira de celebrar a destreza militar e de demonstrar o favor dos deuses, comemorando a resistência heroica às tentativas de invasão da Grécia em seus épicos teatrais e literários.¹⁰

“À terra de Tebas venho”, diz Dionísio na abertura da peça *As bacantes*, do “fabulosamente rico Oriente”, lugar onde as planícies da Pérsia são banhadas pela luz do sol, onde as cidades da Bactria são protegidas por muros e onde torres de bela construção vigiam as regiões do litoral. A Ásia e o Oriente eram terras que Dionísio “fez dançar” com os mistérios divinos, muito antes das terras gregas.¹¹

Ninguém estudou com tanto afincamento tais obras quanto Alexandre da Macedônia. Quando assumiu o trono em 336 a.C., após o assassinato de seu pai, o brilhante rei Filipe, não havia dúvida quanto à direção que o jovem general iria tomar em sua busca por glórias. Em nenhum momento voltou os olhos para a Europa, que não oferecia nada: nem cidades, nem cultura, nem prestígio, nem recompensas. Para Alexandre, como para todos os antigos gregos, cultura, ideias e oportunidades – assim como ameaças – vinham do Leste.

Não foi nenhuma surpresa que seu olhar se dirigisse para a maior potência da Antiguidade: a Pérsia.

Após expulsar os governantes persas do Egito em um ataque-relâmpago em 331 a.C., Alexandre partiu para um assalto geral às terras centrais do império. O confronto decisivo teve lugar mais tarde, em 331, nas poeirentas planícies de Gaugamela, perto da moderna cidade de Erbil, no Curdistão iraquiano, onde infligiu uma espetacular derrota ao exército persa bastante superior sob o comando de Dario III – talvez porque estivesse totalmente revigorado após uma boa noite de sono: segundo Plutarco, Alexandre insistia em descansar antes de enfrentar o inimigo, dormindo tão profundamente que seus comandantes, preocupados, tinham que sacudi-lo para que acordasse. Vestindo suas roupas favoritas, colocou um refinado elmo, tão polido que “reluzia como a mais fina prata”, segurou uma confiável espada em sua mão direita e liderou seus soldados para uma esmagadora vitória que abriu as portas de um império.¹²

Tendo Aristóteles como tutor, Alexandre foi criado com altas expectativas sobre si. E não desapontou. Depois que os exércitos persas foram esmagados em Gaugamela, Alexandre avançou para leste. As cidades rendiam-se a ele, uma após a outra, e seu exército foi tomando territórios controlados por seus rivais derrotados. Lugares de porte, riqueza e beleza lendários caíram diante do jovem herói. A Babilônia rendeu-se, com seus habitantes cobrindo de flores e guirlandas a estrada que levava à grande cidade, enquanto altares de prata queimando incenso de olíbano e perfumes eram colocados de ambos os lados. Jaulas com leões e leopardos foram trazidas e entregues como presentes.¹³ Em pouco tempo, todos os pontos da Estrada Real que ligava as principais cidades da Pérsia e a rede de comunicações que conectava o litoral da Ásia Menor à Ásia Central haviam sido tomados por Alexandre e seus homens.

Embora alguns estudiosos modernos o tenham menosprezado como um “bandido juvenil embriagado”, Alexandre parece ter tido um tato surpreendentemente sensível ao tratar com territórios e povos recém-conquistados.¹⁴ Costumava ser brando ao lidar com as crenças e práticas locais, mostrando tolerância e também respeito: conta-se, por exemplo, que ficou indignado ao ver o modo com que o túmulo de Ciro, o Grande, havia sido profanado, e não só o restaurou como puniu aqueles que haviam conspurcado o santuário.¹⁵ Alexandre fez questão de que fosse dado a Dario III um funeral adequado à sua posição hierárquica e enterrou ao lado dele outros governantes persas

quando seu corpo foi encontrado jogado numa carroça, depois de assassinado por um de seus tenentes.¹⁶

Alexandre também foi capaz de colocar cada vez mais território sob seu poder porque se dispôs a confiar nas elites locais. Teria dito que, “se queremos não só passar pela Ásia, mas ocupá-la, devemos mostrar clemência por essas pessoas; é a lealdade delas que irá tornar nosso império estável e permanente”.¹⁷ Autoridades locais e as velhas elites foram mantidas em seus postos para administrar cidades e territórios conquistados. O próprio Alexandre passou a adotar títulos tradicionais e a usar vestes persas para salientar sua aceitação dos costumes locais. Gostava de retratar a si mesmo não tanto como um conquistador invasor, mas como o último herdeiro de um reino antigo – apesar das manifestações de escárnio daqueles que diziam a quem quisesse ouvir que ele trouxera sofrimento e mergulhara a terra em sangue.¹⁸

É importante lembrar que muito da nossa informação a respeito das campanhas de Alexandre, seus sucessos e suas políticas, vem de historiadores posteriores, cujos relatos muitas vezes são altamente idealizados e cheios de entusiasmo emocionado na cobertura das aventuras do jovem general.¹⁹ Não obstante, embora seja bom ter cautela a respeito da maneira como o colapso da Pérsia foi descrito pelas fontes, a velocidade com que Alexandre continuou estendendo as fronteiras mais a leste fala por si. Era um enérgico fundador de novas cidades, que geralmente ganhavam seu nome e que hoje quase sempre são conhecidas por outros nomes, como Herat (Alexandria na Satrapia de Ária), Kandahar (Alexandria em Aracósia) e Bagram (Alexandria ad Caucasum). A construção desses postos temporários – e o reforço de outros mais ao norte, entendendo-se até o vale do Fergana – criou novos pontos que corriam pela espinha dorsal da Ásia.

Novas cidades com poderosas defesas, assim como fortalezas e fortes autossuficientes, foram construídas com foco na defesa contra a ameaça colocada pelas tribos das estepes, especializadas em desferir ataques devastadores às comunidades rurais. O programa de fortificações de Alexandre tinha o intuito de proteger novas áreas recém-conquistadas. Preocupações similares foram enfrentadas com reações similares mais a leste, nessa mesma época. Os chineses já haviam desenvolvido o conceito de *huaxia*, o mundo civilizado, em contraposição aos desafios representados pelos povos das estepes. Um programa intensivo de construções expandiu uma rede de fortificações naquilo que ficou conhecido como a Grande Muralha da China,

e foi movido pelo mesmo princípio adotado por Alexandre: expansão sem defesa é inútil.²⁰

No século IV a.C., o próprio Alexandre continuou sua campanha incansável, dando a volta pelo Indocuche e marchando pelo vale do Indo, fundando mais fortalezas e guarnições – embora a essa altura enfrentasse protestos regulares de seus homens, fatigados e com saudades de casa. Da perspectiva militar, suas realizações à época de sua morte aos 32 anos na Babilônia, em 323 a.C., em circunstâncias que continuam envoltas em mistério, eram nada menos do que sensacionais.²¹ A velocidade e a extensão de suas conquistas foram impressionantes. E não menos impressionantes – apesar de ignorados com muita frequência – são a escala do legado que deixou e o grau em que a influência da Grécia Antiga se fundiu com as culturas da Pérsia, Índia, Ásia Central e até mesmo com a da China.

Embora a morte repentina de Alexandre tenha sido seguida por um período de turbulência e lutas internas entre seus principais comandantes, logo emergiu um líder para a parte oriental dos novos territórios: um oficial nascido no norte da Macedônia chamado Seleuco, que participara de todas as grandes expedições do rei. Poucos anos após a morte de seu chefe, Seleuco viu-se governador de terras que se estendiam do Tigre ao Indo; os territórios eram tão vastos que pareciam não um reino, mas um império por direito próprio. Ele fundou uma dinastia, a dos selêucidas, que iria governar por quase três séculos.²² As vitórias de Alexandre costumam ser facilmente subestimadas como uma série brilhante de ganhos de curto prazo, e seu legado é quase sempre encarado como efêmero e temporário. Mas não foram realizações transitórias; foram, sim, o início de um novo capítulo para a região que vai do Mediterrâneo às montanhas do Himalaia.

As décadas posteriores à morte de Alexandre viram um programa gradual e inconfundível de helenização, conforme as ideias, temas e símbolos da Grécia Antiga eram introduzidos no Oriente. Os descendentes de seus generais lembravam de suas raízes gregas e buscavam ativamente enfatizá-las, por exemplo nas cunhagens feitas nas casas da moeda das principais cidades, que ficavam localizadas em pontos estrategicamente importantes ao longo das rotas comerciais ou em centros agrícolas de intensa movimentação. A forma dessas moedas ficou padronizada: uma imagem do governante atual com cachos presos por um diadema, invariavelmente olhando para a direita, como Alexandre havia feito, com uma imagem de Apolo no verso, identificado por letras gregas.²³

A língua grega podia ser ouvida – e vista – por toda a Ásia Central e pelo vale do Indo. Em Ai Khanoum, norte do Afeganistão – uma nova cidade, fundada por Seleuco –, máximas de Delfos foram esculpidas em um monumento. Entre elas:

Quando criança, comporte-se bem.
Quando jovem, tenha autocontrole.
Quando adulto, seja justo.
Quando idoso, seja sábio.
Quando moribundo, evite a dor.²⁴

O grego era usado no dia a dia por oficiais, mais de um século após a morte de Alexandre, como mostram os recibos de impostos e documentos relacionados ao pagamento de soldados da Bactria, datados de cerca de 200 a.C.²⁵ De fato, o idioma penetrou profundamente no subcontinente indiano. Alguns dos éditos expedidos pelo governante máuria Asoka, o maior dos antigos governantes indianos, eram acompanhados de traduções para o grego, evidentemente tendo em vista a população local.²⁶

A vitalidade do intercâmbio cultural à medida que Europa e Ásia colidiam era impressionante. Estátuas de Buda começaram a aparecer apenas depois que o culto de Apolo se firmou no vale do Gundara e no oeste da Índia. Os budistas sentiram-se ameaçados pelo sucesso das novas práticas religiosas e começaram a criar suas próprias imagens. Na realidade, há uma correlação não apenas na data das primeiras estátuas de Buda, mas também em seu aspecto e desenho: parece que Apolo serviu como modelo, tal o impacto das influências gregas. Até então, os budistas haviam ativamente evitado representações visuais; agora a competição obrigava-os a reagir, a tomar emprestado e a inovar.²⁷

No atual sul do Tadjiquistão, altares de pedra adornados com inscrições gregas, imagens de Apolo e refinadas miniaturas em marfim retratando Alexandre revelam o quanto as influências ocidentais penetraram.²⁸ O mesmo pode ser dito das impressões sobre aquela cultura superior trazida do Mediterrâneo. Os gregos na Ásia tinham amplo prestígio na Índia, por exemplo, por seu talento nas ciências: “Eles são bárbaros”, diz o texto conhecido como *Gārgī Samhitā*, “mas a ciência da astronomia originou-se com eles e por isso merecem ser reverenciados como deuses”.²⁹

Segundo Plutarco, Alexandre fez questão de que a teologia grega fosse ensinada até mesmo na distante Índia, e o resultado foi que os deuses do Olimpo passaram a ser reverenciados por toda a Ásia. Jovens da Pérsia e além dela foram levados a ler Homero e a “cantar as tragédias de Sófocles e Eurípides”, e a língua grega era estudada no vale do Indo.³⁰ Talvez por isso seja possível detectar empréstimos entre grandes obras da literatura. Foi sugerido, por exemplo, que o *Rāmāyana*, o poema épico sânscrito, deve algo à *Iliada* e à *Odisseia*, e que o tema da abdução de Lady Sita por Ravana seria um eco direto da fuga de Helena com Páris de Troia. Influência e inspiração fluíam também na direção oposta, e alguns estudiosos defendem que a *Eneida* foi por sua vez influenciada por textos indianos, como o *Mahābhārata*.³¹ Ideias, temas e histórias percorreram as estradas, difundidos por viajantes, mercadores e peregrinos: as conquistas de Alexandre abriram caminho para ampliar a mente das populações das terras que capturou, bem como daqueles na periferia e além dela que entraram em contato com novas ideias, novas imagens e novas concepções de mundo.

Mesmo as culturas nas estepes ermas foram influenciadas, como fica claro pelos refinados objetos funerários enterrados com figuras de alto escalão, encontrados nos túmulos de Tilya Tepe no norte do Afeganistão, que mostram influências artísticas extraídas da Grécia – assim como da Sibéria, da Índia e de outras terras. Objetos de luxo eram comercializados no mundo nômade, em troca de animais de criação e cavalos, e às vezes como tributo pago em troca da paz.³²

O vínculo das estepes com um mundo mais integrado e interconectado foi acelerado pelas crescentes ambições da China. Sob a dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.), ondas de expansão haviam estendido ainda mais as fronteiras, que acabaram chegando a uma província então chamada Xiyu (ou “regiões a oeste”), hoje conhecida como Xinjiang (“nova terra de fronteira”). Ela ficava depois do corredor Gansu, uma rota de 965 quilômetros ligando o interior chinês à cidade-oásis de Dunhuang, um entroncamento à beira do deserto de Taklamakan. Nesse ponto, havia a opção de uma rota para o norte e outra para o sul, e ambas podiam ser traiçoeiras, convergindo em Kashgar, localizada no ponto de junção das montanhas do Himalaia com as montanhas Pamir, a serra de Tien Shan e o Indocuche.³³

A expansão dos horizontes da China uniu a Ásia. Essas redes haviam até então sido bloqueadas pelos *yuezhi* e acima de tudo pelos *xiongnu*, tribos

nômades que, como os citas na Ásia Central, eram uma constante fonte de preocupação, mas eram também importantes parceiros comerciais para animais de criação: autores Han escreveram no século II a.C. sobre dezenas de milhares de cabeças de gado sendo compradas de povos das estepes.³⁴ Mas era a demanda chinesa por cavalos que se mostrava quase insaciável, alimentada pela necessidade de manter uma força militar efetiva de prontidão, que conservasse a ordem interna na China e pudesse reagir a ataques e incursões dos *xiongnu* ou de outras tribos. Os cavalos da região ocidental de Xinjiang eram muito apreciados, e podiam fazer a fortuna de chefes tribais. Em certa ocasião, um líder *yuezhi* trocou cavalos por uma grande partida de bens, que depois revendeu, ganhando dez vezes o que havia investido.³⁵

As montarias mais famosas e valiosas eram criadas no vale do Fergana, no lado mais distante das espetaculares montanhas Pamir, que se estendem entre o que é hoje o leste do Tadjiquistão e o nordeste do Afeganistão. Esses animais, muito admirados por sua força, são descritos por escritores chineses como tendo sido procriados por dragões e chamados de *hanxue ma*, isto é, “sangue suado” – resultado de sua característica transpiração avermelhada causada por um parasita local e pelo fato de terem uma pele fina demais, que com o esforço a que eram submetidos causava o rompimento de vasos sanguíneos. Alguns cavalos particularmente destacados tornaram-se célebres por direito próprio, tema de poemas, esculturas e retratos, e com frequência eram chamados de *tianma* – cavalos divinos ou celestiais.³⁶ Alguns chegavam a ser levados com seus donos para a próxima vida: um imperador foi enterrado com oitenta de seus cavalos favoritos – e seu local de descanso era guardado por estátuas de dois garanhões e um guerreiro de terracota.³⁷

As relações com os *xiongnu*, que dominavam as estepes da Mongólia e os pastos do norte da China, nem sempre eram fáceis. Historiadores contemporâneos descrevem a tribo como bárbara, dada a comer carne crua e beber sangue; na realidade, segundo um cronista, são um povo “abandonado pelos céus”.³⁸ Os chineses mostravam-se inclinados a pagar tributos para não correr o risco de ter suas cidades atacadas. Despachavam regularmente enviados para visitar os nômades (que eram treinados desde a infância a caçar ratos e aves, e depois raposas e lebres) e perguntavam em nome do imperador a respeito da saúde de seu líder supremo.³⁹ Foi desenvolvido um sistema formal de tributo, e por meio dele os nômades recebiam artigos de luxo, como arroz, vinho e tecidos, em troca de paz. O item mais importante era a seda, um

tecido muito valorizado pelos nômades por sua textura e leveza, seja como lençol ou para roupas. Era também um símbolo de poder político e social: estar envolvido em volumosa quantidade de preciosa seda era uma maneira importante pela qual o *chanyu* (o supremo líder da tribo) enfatizava o próprio status e recompensava os que estavam à sua volta.⁴⁰

As somas pagas em troca de paz eram vultosas. Em 1 a.C., por exemplo, os *xiongnu* receberam 30 mil rolos de seda e uma quantia similar de matéria-prima, além de 370 peças de roupa.⁴¹ Alguns funcionários públicos acreditavam que o amor ao luxo por parte das tribos acabaria levando-as à desagregação. “Agora [temos] esse gosto pelas coisas chinesas”, um enviado comentou de modo insolente com um líder tribal. Os costumes dos *xiongnu* estavam mudando, disse ele. A China, predisse confiante, “no final conseguirá dominar a nação *xiongnu* inteira”.⁴²

Porém, era iludir-se com o próprio desejo. Na realidade, a diplomacia que mantinha a paz e as boas relações cobrava um preço não só financeiro, mas político: pagar tributo era um alto custo e um sinal de fraqueza política. Portanto, a certa altura os governantes Han da China decidiram lidar com os *xiongnu* buscando resolver as coisas de vez. Primeiro, foi feito um esforço conjunto para assumir o controle das regiões ocidentais de Xiyu, ricas em termos agrícolas; os nômades foram sendo expulsos à medida que os chineses assumiam o controle do corredor Gansu com uma série de campanhas que durou uma década, encerrada em 119 a.C. A oeste ficavam as montanhas Pamir e, depois delas, um novo mundo. A China havia aberto uma porta que levava a uma rede transcontinental; foi então que nasceram as Rotas da Seda.

A expansão da China despertou grande interesse pelo que estava além. Funcionários públicos receberam a missão de investigar e escrever relatórios sobre as regiões além das montanhas. Um desses relatos sobrevive como o *Shi Ji* (“Registros Históricos”), escrito por Sima Qian, filho do Grande Historiador (*Taishi*) da corte imperial, que continuou trabalhando nesse relato mesmo depois de ter caído em desgraça e sido castrado por ousar defender um impetuoso jovem general que havia levado seus soldados à derrota.⁴³ Ele registrou cuidadosamente o que havia sido capaz de descobrir a respeito das histórias, economia e exércitos dos povos do vale do Indo, da Pérsia e da Ásia Central. Os reinos da Ásia Central eram fracos, observou ele, em virtude da pressão dos nômades deslocados pelas forças chinesas, que agora voltavam suas atenções para outros locais. Os habitantes desses reinos eram “precários no uso das ar-

mas”, escreveu, “mas hábeis no comércio”, com mercados florescentes na capital Bactra, “onde são comprados e vendidos bens de todo tipo”.⁴⁴

O comércio entre a China e o mundo mais distante desenvolveu-se lentamente. Encontrar as melhores rotas ao longo da orla do deserto de Gobi não era fácil, especialmente a partir do Portão de Jade, o posto de fronteira depois do qual as caravanas de comerciantes seguiam seu caminho para oeste. Era difícil passar de um oásis a outro por terreno traiçoeiro, quer pelo deserto de Taklamakan, quer pelas passagens das montanhas Tian Shan ou pelas montanhas Pamir. Era preciso aguentar extremos de temperatura – uma das razões pelas quais o camelo bactriano era tão valorizado. Com resistência suficiente para enfrentar as duras condições do deserto, esses animais conseguem antecipar as mortais tempestades de areia, observou um escritor, e “imediatamente param e resmungam todos juntos” – um sinal para que os comerciantes e os guias da caravana “cubram seus narizes e bocas enrolando-os com feltro”. O camelo, porém, era claramente um catavento passível de falhas; fontes comentam ter passado por grande número de animais mortos e esqueletos ao longo das rotas.⁴⁵ Nessas circunstâncias difíceis, as recompensas tinham que ser altas para contrabalançar os riscos. Embora bambu e roupas feitas em Sichuan pudessem ser encontrados à venda a milhares de quilômetros nos mercados da Bactria, o que se transportava por longas distâncias eram basicamente produtos raros de alto valor.⁴⁶

O principal era o comércio da seda. A seda desempenhava uma série de papéis importantes no mundo antigo, além de ter valor para as tribos nômades. Sob a dinastia Han, a seda, juntamente com moedas e grãos, servia para pagar soldados. Sob certos aspectos constituía a moeda mais confiável: era problemático produzir dinheiro em quantidade suficiente, e além disso nem toda a China estava totalmente monetizada; isso colocava um obstáculo particular quando se tratava do pagamento militar, já que os locais de operações costumavam ficar em regiões remotas, onde as moedas eram inúteis. Os grãos, por sua vez, apodreciam após um tempo. Como resultado, rolos de seda bruta eram regularmente usados como moeda, seja como pagamento, seja, conforme ocorreu num mosteiro budista da Ásia Central, como multa para monges que quebrassem as regras da instituição.⁴⁷ A seda virou moeda internacional, e não apenas um produto de luxo.

Os chineses também regulamentavam o comércio por meio de uma estrutura formal, para controlar mercadores que vinham de territórios estrangei-

ros. Uma notável coleção de 35 mil textos da cidade-guarnição de Xuanquan, não longe de Dunhuang, traça um claro retrato das atividades cotidianas numa cidade situada na parte estreita do corredor Gansu.

A partir desses textos escritos em bambu e tabuletas de madeira, ficamos sabendo que os visitantes que passavam pela China tinham que seguir pelas rotas designadas, eram despachados com passes escritos, e regularmente contados por funcionários do governo, para assegurar que todos que haviam entrado no país também a certa altura voltariam para casa. Como num livro de hóspedes de um hotel moderno, registrava-se cada visitante, anotando-se o quanto havia gasto em comida, qual seu local de origem, seu título e para onde se dirigia.⁴⁸

Essas medidas devem ser entendidas não como uma forma de vigilância suspeitosa, mas como um meio de saber com precisão quem estava entrando e saindo da China, assim como o que faziam ali, e acima de tudo registrar o valor dos bens comprados e vendidos, para fins alfandegários. A sofisticação das técnicas e sua implementação precoce revelam como as cortes imperiais na capital em Chang'an (atual Xi'an) e, a partir do século I d.C., em Luoyang, lidavam com um mundo que parecia estar encolhendo diante de seus olhos.⁴⁹ Vemos a globalização como um fenômeno exclusivo da modernidade; mas há 2 mil anos já era um fato, e oferecia oportunidades, criava problemas e estimulava avanços tecnológicos.

O que ocorreu foi que desenvolvimentos a milhares de quilômetros de distância estimularam a demanda por artigos de luxo – e a capacidade de pagar por eles. Na Pérsia, os descendentes de Seleuco foram depostos por volta de 247 a.C. por um certo Ársaces, um homem de histórico obscuro. Seus descendentes, os arsácidas, consolidaram seu poder e depois partiram para ampliá-lo, fazendo uma hábil expropriação da história para fundir ideias gregas e persas numa nova identidade, cada vez mais coerente e sólida. O resultado foi um tempo de estabilidade e prosperidade.⁵⁰

Mas foi aquilo que ocorreu no Mediterrâneo que forneceu o maior estímulo. Uma pequena cidade numa localização pouco promissora, na metade da costa ocidental da Itália, aos poucos conseguiu se transformar de província periférica em poder regional. Depois de tomar uma por uma as cidades-Estados litorâneas, Roma passou a dominar o Mediterrâneo ocidental. Em meados do século I a.C., suas ambições expandiam-se com vigor. E a atenção estava focada no Oriente.

Roma evoluía e se transformara num Estado intensamente competitivo, que glorificava o aspecto militar e exaltava a violência e a matança. Jogos de gladiadores eram a base do entretenimento público, e neles celebrava-se de modo brutal o domínio sobre povos estrangeiros e sobre a natureza. Arcos triunfais por toda a cidade faziam sua agitada população lembrar diariamente das vitórias militares. Militarismo, destemor e amor à glória eram cultivados como características cruciais de uma cidade ambiciosa, cujo alcance não parava de crescer.⁵¹

A espinha dorsal do poder romano era o exército, treinado e condicionado para atender a padrões exigentes. Esperava-se dos soldados que fossem capazes de marchar mais de 32 quilômetros em cinco horas, carregando mais de vinte quilos de equipamento. O casamento era não só malvisto, mas especificamente proibido, a fim de manter os recrutados com um vínculo mútuo. Batalhões de homens jovens, intensos, altamente treinados e aptos, que haviam sido criados com confiança em sua capacidade e com certeza sobre seu destino: esta era a rocha sobre a qual Roma foi construída.⁵²

A conquista da Gália (grosso modo, a área da moderna França, Países Baixos e parte da Alemanha ocidental) em 52 a.C. trouxe espólios substanciais, suficientes para provocar uma correção no preço do ouro no Império Romano.⁵³ Mas embora houvesse muitos lugares a serem tomados na Europa, poucos pareciam promissores. O que tornava os impérios grandiosos era contar com um grande número de cidades produtoras de rendas tributáveis; o que os tornava culturalmente espetaculares eram os artesãos e especialistas que desenvolviam novas ideias quando clientes ricos competiam entre si para obter seus serviços, recompensando-os por suas habilidades. Era improvável que lugares como a Bretanha oferecessem acréscimos lucrativos aos territórios de Roma: como atestam as cartas em ardósia enviadas para casa por soldados estacionados na Bretanha, essa província era sinônimo de um isolamento severo e infrutífero.⁵⁴

Mas a transição de Roma para um império tinha pouco a ver com a Europa ou com o controle de um continente que oferecia um suprimento pobre do tipo de recursos e cidades que atraíam consumidores e pagadores de impostos. O que impulsionou Roma para uma nova era foi sua reorientação para o Mediterrâneo oriental e terras além dele. O sucesso e a glória derivaram num primeiro momento de sua tomada do Egito, e depois de ter colocado sua âncora no Oriente – na Ásia.

O Egito, governado por quase trezentos anos pelos descendentes de Ptolomeu, um dos guarda-costas de Alexandre, o Grande, acumulara uma fabulosa riqueza baseada no Nilo, cujas terras de inundação produziam prodigiosas colheitas de grãos. Estas eram suficientes não apenas para sustentar a população local, mas proviam um belo excedente que permitiu a Alexandria, na foz do rio, desenvolver-se a ponto de virar a maior cidade do mundo, de acordo com um autor da época, que estimou sua população no século I a.C. em cerca de 300 mil.⁵⁵ Os carregamentos de grãos eram meticulosamente monitorados, com os capitães tendo que prestar um juramento real a cada vez que enchiam suas barcas, após o que eram despachados com um recibo por um representante do escriba real. Só então o grão era liberado para ser transportado.⁵⁶

Roma há muito tempo olhava com ambição para o Egito. Ela aproveitou sua chance quando a rainha Cleópatra envolveu-se numa confusa batalha por controle político, após o assassinato de Júlio César. Depois de faticamente apostar suas fichas com Marco Antônio na batalha de Áccio em 30 a.C., a governante egípcia viu-se confrontada com um exército romano liderado por Otaviano, um mestre da astúcia política, que avançou sobre Alexandria. Após uma série de decisões defensivas que combinaram uma profunda negligência com flagrante incompetência, Cleópatra cometeu suicídio, talvez por meio da picada de uma cobra venenosa, talvez pela autoadministração de uma substância tóxica. O Egito caiu como uma fruta madura.⁵⁷ Otaviano partira de Roma como general e voltava como seu supremo governante, com um novo título que em breve lhe seria conferido por um Senado agradecido: Augusto. Roma havia se tornado um império.

A tomada do Egito transformou a sorte de Roma. Com o controle romano das vastas colheitas do vale do Nilo, o preço dos grãos despencou, o que proporcionou um grande aumento no poder aquisitivo doméstico. As taxas de juros desabaram, de cerca de 12% para 4%; isso, por sua vez, alimentou a conhecida explosão que acompanha uma inundação de capital barato: o aumento nos preços das propriedades.⁵⁸ A renda disponível cresceu tanto que Augusto foi capaz de aumentar em 40% o patamar financeiro que qualificava alguém a fazer parte do Senado.⁵⁹ Como o próprio Augusto gostava de vangloriar-se, ele recebeu Roma como uma cidade erguida com tijolos, e deixou-a revestida de mármore.⁶⁰

Esse surto de riqueza foi resultado da implacável expropriação por parte de Roma dos tributos cobrados do Egito e de seus imensos recursos. Equipes

de inspetores de impostos espalharam-se pelo Egito e impuseram um novo imposto comunitário, pagável por todos os homens com idade entre dezesseis e sessenta anos. As isenções eram concedidas apenas em casos especiais – por exemplo, aos sacerdotes, que se livravam do pagamento, mas somente depois de seus nomes serem cuidadosamente anotados nos registros dos templos.⁶¹ Isso era parte de um sistema que um estudioso chamou de “antigo *apartheid*”; seu objetivo era maximizar o fluxo de dinheiro para Roma.⁶²

O processo de apropriação de rendimentos foi repetido em outras partes, à medida que os tentáculos da expansão econômica e militar de Roma se estendiam. Pouco depois da anexação do Egito, foram enviados assessores à Judeia para realizar um censo, de novo para assegurar que os impostos pudessem ser calculados com precisão. Supondo que tenha sido com o mesmo modelo empregado no Egito, que exigia que todos os nascimentos e mortes fossem registrados, assim como os nomes de todos os adultos homens, a chegada ao mundo de Jesus Cristo teria sido registrada por algum funcionário, cujo interesse certamente se concentraria menos em quem eram a criança e seus pais, e mais no que o nascimento representava em termos de força de trabalho adicional e de um futuro pagador de impostos para o império.⁶³

Roma então abriu os olhos para o mundo que encontrou no Oriente. A Ásia já ganhara reputação pelo luxo ocioso e pelo modo de vida refinado. Era indescritivelmente rica, escreveu Cícero, com colheitas lendárias, uma variedade incrível de produtos, e rebanhos e manadas de porte simplesmente impressionante. Suas exportações eram colossais.⁶⁴ Tal era a riqueza da Ásia que os romanos opinavam que seus habitantes podiam dedicar a vida a prazeres ociosos. Não admira que é no Oriente que os soldados romanos atingem a maioria, escreveu o poeta Salústio: era ali onde os soldados romanos aprendiam a fazer amor, a beber, a apreciar estátuas, pinturas e arte. Dificilmente isso poderia ser considerado uma boa coisa, pelo menos no entender de Salústio. A Ásia podia ser “voluptuosa e permissiva”, mas “seus prazeres logo suavizaram o espírito guerreiro dos soldados”.⁶⁵ Apresentado desse modo, o Oriente era a antítese de tudo o que era defendido pela séria e marcial Roma.

O próprio Augusto fez um grande esforço para compreender o que havia além das novas fronteiras do Oriente. Forças expedicionárias foram enviadas ao reino de Axum, na atual Etiópia, e ao reino sabeu do Iêmen, enquanto o golfo de Aqaba era explorado ainda durante o tempo em que o domínio romano no Egito se consolidava.⁶⁶ Mais tarde, em 1 a.C., Augusto orde-

nou uma detalhada inspeção em ambos os lados do Golfo Pérsico, para um relatório sobre o comércio naquela região e sobre como as rotas marítimas se vinculavam ao mar Vermelho. Ele também supervisionou a investigação das rotas terrestres que avançavam para o interior da Ásia Central através da Pérsia. Um texto conhecido como *Stathmoi Parthikoi* (“Estações Partas”) foi produzido nessa época e registrou as distâncias entre pontos-chave no Oriente, definindo com precisão as localidades mais importantes, desde o Eufrates até Alexandrópolis, atual Kandahar, no Afeganistão, a leste.⁶⁷

Os horizontes dos comerciantes expandiram-se bastante. Segundo o historiador Estrabão, poucos anos após a ocupação do Egito, 120 barcos romanos partiam para a Índia a cada ano do porto de Myos Hormos, no mar Vermelho. O intercâmbio comercial com a Índia teve uma explosão – como fica claro a partir do registro arqueológico extraordinariamente rico do subcontinente. Ânforas romanas, luminárias, espelhos e estátuas de deuses têm sido recuperados de uma ampla gama de sítios, como Pattanam, Kolhapur e Coimbatore.⁶⁸ Há tamanha abundância de achados de moedas datadas do reinado de Augusto e seus sucessores na costa ocidental da Índia e das ilhas Lacadivas que alguns historiadores têm defendido que os governantes locais no Oriente usavam moedas romanas de ouro e prata como moeda própria, ou que fundiam esses metais para reutilizá-los.⁶⁹

A literatura tâmil do período conta uma história similar, registrando com excitação a chegada de comerciantes romanos. Um poema fala do “vinho refrescante e fragrante” que era trazido em “bons navios” pelos romanos, e outro, em tom rapsódico, afirma: “Os grandes e belos navios [...] chegam trazendo ouro, espalhando a espuma branca pelas águas do [rio] Periyar, e voltam em seguida carregados de pimenta. Aqui a música do mar ondeante nunca para, e o grande rei presenteia seus visitantes com raros produtos do mar e da montanha”.⁷⁰ Outra fonte oferece um relato lírico dos comerciantes europeus que se instalaram na Índia: “O sol brilhava sobre os terraços abertos, sobre os armazéns próximos ao porto e sobre as torres com janelas qual olhos de cervo. Em diferentes lugares [...] a atenção de quem olhava era captada pela visão das moradas [dos ocidentais], cuja prosperidade nunca decrescia”.⁷¹ O *Stathmoi Parthikoi* revela quais os bens que os romanos queriam do oeste da Índia, indicando onde os mercadores podiam adquirir minerais de valor, como estanho, cobre e chumbo, assim como topázio, e onde o marfim, pedras preciosas e especiarias estavam prontamente disponíveis.⁷²

Mas o comércio com os portos da Índia não se restringia a produtos originados do subcontinente. Como mostram as escavações no porto egípcio de Berenike, no mar Vermelho, uma série de bens de locais distantes como Vietnã e Java também achava sua via até o Mediterrâneo.⁷³ Portos do litoral ocidental e oriental da Índia serviam como empórios para bens trazidos de todo o leste e sudeste da Ásia, prontos para serem despachados para o Ocidente.⁷⁴ E havia ainda os bens e produtos do mar Vermelho, uma zona comercial dinâmica por si, além de ligar o Mediterrâneo ao oceano Índico e a terras mais distantes.⁷⁵

Os cidadãos mais abastados de Roma podiam agora se permitir os gostos mais exóticos e extravagantes. Cronistas próximos queixavam-se de que os gastos beiravam o obsceno e lamentavam a ostentação de excessos que estavam na moda.⁷⁶ Isso é muito bem captado pelo *Satyricon*, de Petrônio, cuja cena mais famosa é o banquete de Trimálquio, um ex-escravo que ganhara a liberdade e amalhara fortuna. A sátira é mordaz em seu retrato dos gostos dos novos super-ricos. Trimálquio queria apenas o melhor que o dinheiro é capaz de comprar: faisões trazidos especialmente da costa leste do mar Negro; galinhas-d'angola; peixes raros e caros; pavões emplumados, e muito mais, sempre apresentados com espalhafato. O teatro grotesco de servir pratos e mais pratos – pássaros vivos costurados dentro de um porco inteiro, que voavam na hora em que este era cortado, ou palitos de dente de prata oferecidos aos convidados – era uma paródia implacável da vulgaridade e dos excessos dos novos-ricos de Roma. Uma das maiores explosões de prosperidade da Antiguidade produziu uma das grandes expressões literárias da amarga inveja dedicada a essa nova faixa da sociedade.⁷⁷

A nova riqueza colocou Roma e seus habitantes em contato com novos mundos e gostos. O poeta Marcial traduz o internacionalismo e a expansão do conhecimento desse período em um poema sobre uma jovem escrava, comparando-a a um lírio intocado, ao marfim indiano polido, a uma pérola do mar Vermelho, a cabelos mais finos que a lã espanhola ou aos cachos loiros do Reno.⁷⁸ Antes, os casais que queriam conceber belos filhos faziam sexo rodeados por imagens eróticas; “agora”, relatava um escritor judeu horrorizado, “eles trazem escravos israelitas e os amarram ao pé da cama” como inspiração e porque podem se permitir isso.⁷⁹ Nem todos se impressionavam com os novos gostos: o Tibre havia sido sobrepujado pelas águas do Orontes, o rio que corre pela Síria e sul da Turquia, queixava-se Juvenal mais tarde em suas

Sátiras – em outras palavras, a decadência asiática havia destruído as virtudes romanas, agora fora de moda; “fuja”, escreveu ele, “se você se encantar por uma adornada prostituta usando um chapéu bárbaro”.⁸⁰

Para alguns cronistas conservadores, o que mais atemorizava era o aspecto de uma *commodity* em particular: a seda chinesa.⁸¹ O crescente volume disponível desse tecido no Mediterrâneo causava apreensão nos tradicionalistas. Sêneca, por exemplo, horrorizava-se com a popularidade daquele material fino e fluido, declarando que as vestes de seda mal podiam ser chamadas de roupas, já que não escondiam nem as curvas nem a decência das senhoras de Roma. As próprias bases das relações matrimoniais estavam sendo minadas, dizia ele, já que os homens podiam ver através do leve tecido que aderira às formas femininas e deixava pouco para a imaginação. Para Sêneca, a seda era simplesmente um código para exotismo e erotismo. Uma mulher não podia honestamente dizer que não estava nua ao usar seda.⁸² Outros também sentiam dessa forma, pois houve repetidos esforços para proibir que os homens usassem o tecido, incluindo éditos transformados em lei. Alguns expressavam-no de maneira mais simples: era deplorável, concordavam dois destacados cidadãos, que os homens romanos achassem aceitável ostentar roupas do Oriente.⁸³

Outros, no entanto, preocupavam-se com a prevalência da seda por razões diferentes. Escrevendo na segunda metade do século I d.C., Plínio, o Velho, reclamava do alto custo do material de luxo, simplesmente para “permitir que a senhora romana brilhasse em público”.⁸⁴ Os preços inflacionados eram um escândalo, queixava-se ele, equivalendo a cem vezes o valor real.⁸⁵ Imensas quantias de dinheiro eram gastas todo ano, continuava ele, em luxos da Ásia “para nós e nossas mulheres”, com nada menos do que 100 milhões de sestércios sendo bombeados anualmente para fora da economia romana, para alimentar os mercados comerciais além-fronteiras.⁸⁶

Essa soma impressionante representava quase metade da produção anual de moedas do império e mais de 10% do orçamento de cada ano. Mas, fato notável, não parece ter sido muito exagerada. Um contrato em papiro recém-descoberto, registrando os termos de um despacho de bens de Muziris na Índia para um porto romano do mar Vermelho, é um testemunho do quanto os negócios de grande porte haviam se tornado comuns por volta do século II d.C. Tal contrato definia uma série de obrigações mútuas, explicando claramente a partir de que momento os bens deviam ser considerados como

estando nas mãos do proprietário ou do transportador, e fazendo constar as sanções se o pagamento não fosse efetuado na data estipulada.⁸⁷ Negócios envolvendo grandes distâncias exigiam rigor e sofisticação.

Os mercadores romanos, porém, não pagavam apenas com moedas. Também recorriam a vidro, ouro e prata, finamente trabalhados, assim como a coral e topázio do mar Vermelho e ao incenso olíbano da Arábia, para trocá-los por tecidos, especiarias e corantes, como o índigo ou anil.⁸⁸ Qualquer que fosse a forma que assumisse, o fluxo de capital nessa escala tinha consequências de amplo alcance. Uma delas foi fortalecer as economias locais ao longo das rotas comerciais. Vilas viravam aldeias e aldeias viravam cidades, conforme os negócios floresciam e as redes de comunicação e comércio se estendiam e ficavam mais interligadas. Erguiam-se monumentos arquitetônicos impressionantes em lugares como Palmira, à beira do deserto da Síria, que prosperou como centro comercial, ligando Oriente e Ocidente. Não sem razão, Palmira foi apelidada de Veneza das areias.⁸⁹ Cidades no eixo norte-sul foram igualmente transformadas, e o exemplo mais impressionante é o de Petra, que se tornou uma das maravilhas da Antiguidade graças à sua posição na rota entre as cidades da Arábia e do Mediterrâneo. Além disso, havia feiras frequentadas por comerciantes, que percorriam centenas ou milhares de quilômetros para chegar a determinados cruzamentos de estradas. Todo setembro, em Batnae, perto do Eufrates, “a cidade ficava cheia de ricos mercadores, quando grande multidão se reunia para a feira, para comprar e vender coisas enviadas da Índia e da China, além de todo tipo de produtos que ali chegavam por terra e por mar”.⁹⁰

Tamanho era o poder financeiro de Roma que chegou a determinar o design da cunhagem até mesmo no extremo leste da Ásia. Depois de serem empurrados da bacia do Tarim pelos chineses, os nômades *yuezhi* haviam garantido uma posição dominante no leste da Pérsia, tomando domínios antes governados pelos descendentes dos generais de Alexandre. Com o tempo, formou-se um próspero império, com o nome de um dos grupos líderes da tribo – os *guishang* ou cuchana – que empreenderam a cunhagem de grandes quantidades de moedas, segundo o modelo das moedas romanas.⁹¹

A moeda romana entrou no território cuchana pelos portos do norte da Índia, como Barbaricum e principalmente Barygaza, onde a abordagem e a ancoragem eram tão perigosas que se costumava enviar pilotos para guiar os navios até o porto. Negociar a aproximação a esses dois portos era muito peri-

goso para quem estivesse pouco familiarizado com as correntes.⁹² Ao aportarem, os comerciantes encontravam pimenta e especiarias, assim como marfim e tecidos, entre eles seda pronta e em fios. Eram empórios que reuniam produtos de toda a Índia, da Ásia Central e da China – e que traziam extraordinária riqueza para os cuchana, que controlavam as cidades-oásis e as rotas de caravanas que faziam sua interligação.⁹³

A posição dominante que os cuchana conseguiram alcançar significava que, embora os bens fossem importados e exportados do Mediterrâneo para a China em quantidade crescente, os próprios chineses desempenhavam um papel modesto no comércio com Roma via oceano Índico. Somente quando o grande general Ban Chao liderou uma série de expedições que levaram soldados até locais tão distantes quanto o mar Cáspio no final do século I d.C. é que foi despachado um enviado para trazer de volta mais informações sobre a população “alta e de feições regulares” do poderoso império do Oeste. Da Qin – ou Grande Qin –, como o Império Romano era chamado, foi retratado como possuidor de abundantes suprimentos de ouro, prata e finas joias: uma fonte de muitos objetos maravilhosos e raros.⁹⁴

Os contatos da China com a Pérsia tornaram-se regulares e intensivos. Missões diplomáticas eram enviadas várias vezes por ano, observa uma fonte chinesa, com ao menos dez delas rumando para a Pérsia, e, mesmo em períodos mais tranquilos, cerca de cinco ou seis eram enviadas ao Ocidente.⁹⁵ Os diplomatas quase sempre acompanhavam grandes caravanas levando bens para comerciar, e voltavam com produtos que tinham demanda em casa – como pérolas do mar Vermelho, jade, lápis-lazúli e produtos alimentícios, como cebolas, pepinos, coentro, romãs, pistache e damascos.⁹⁶ Os muito procurados olíbano e mirra, que na realidade provinham do Iêmen e da Etiópia, eram conhecidos na China como *Po-ssu* – isto é, produtos persas.⁹⁷ Como sabemos a partir de uma fonte posterior, os pêssegos de Samarcanda eram considerados imensamente valiosos: “grandes como ovos de ganso” e, por sua cor rica que os tornou famosos, eram conhecidos na China como “pêssegos dourados”.⁹⁸

Assim como os chineses tinham pouco trato direto com Roma, o conhecimento que a região do Mediterrâneo possuía a respeito do mundo além das montanhas do Himalaia e do oceano Índico era limitado, e atesta-se que houve uma única missão romana que chegou até o imperador Huan por volta de 166 d.C. O interesse e o conhecimento de Roma sobre o Extremo Oriente

eram efêmeros; seus olhos estavam focados na Pérsia.⁹⁹ Esta era não apenas um rival, mas um possível alvo. Mesmo quando o controle sobre o Egito ainda estava sendo consolidado, autores como Virgílio e Propércio falavam com entusiasmo da influência romana cada vez maior. Num poema elegíaco dedicado a Augusto e suas realizações, Horácio escreveu não a respeito da dominação romana sobre o Mediterrâneo, mas sobre o mundo inteiro – incluindo a conquista dos indianos e dos chineses.¹⁰⁰ Isso envolvia enfrentar a Pérsia, e se tornou uma preocupação comum de uma sucessão de governantes. Foram desenvolvidos planos grandiosos para empurrar a fronteira do império para além da passagem nas montanhas conhecida como Portas do Cáspio, já dentro do território persa: Roma precisava controlar o coração do mundo.¹⁰¹

Foram feitos de fato esforços para transformar esses sonhos em realidade. Em 113, o imperador Trajano liderou pessoalmente uma enorme expedição ao Oriente. Avançando com rapidez pelo Cáucaso antes de desviar-se para o sul para seguir o curso do Eufrates, conquistou Nisibis e Batnae, e cunhou moedas que proclamavam que a Mesopotâmia havia sido “submetida ao poder do povo de Roma”. Com a resistência se desfazendo, o imperador seguiu adiante, dividindo suas forças em dois grupos. As grandes cidades do Império Persa foram tomadas em rápida sucessão, com Adenistra, Babilônia, Selêucia e Ctesifonte caindo em mãos romanas após uma brilhante campanha que durou poucos meses. Moedas foram cunhadas imediatamente, ostentando a irreduzível legenda “PERSIA CAPTA” – A Pérsia foi conquistada.¹⁰² Trajano então seguiu rumo a Charax, a atual Basra, na foz do Golfo Pérsico, chegando bem na hora em que um navio mercante partia para a Índia. Olhou para o barco com melancolia e murmurou: se fosse tão jovem quanto Alexandre, o Grande, teria ido até o Indo.¹⁰³

Com planos traçados para estabelecer as novas províncias da Assíria e da Babilônia, Roma parecia disposta a iniciar um novo capítulo, no qual a expansão de suas fronteiras a levasse até o vale do Indo e depois até as portas da China. Mas o sucesso de Trajano teve vida curta: um feroz revide já estava a caminho nas cidades da Mesopotâmia antes que o imperador sofresse um fatal edema cerebral, ao mesmo tempo que uma revolta iniciada na Judeia se espalhava rapidamente, exigindo urgente atenção. Mesmo assim, sucessivos governantes mantiveram o foco na Pérsia: era onde as despesas militares se concentravam e onde a fronteira, e o que havia além dela, era reportada com intenso interesse em Roma.

Em agudo contraste com a atitude em relação às províncias europeias do império, os imperadores faziam campanhas regulares na Ásia – nem todas bem-sucedidas. Em 260 d.C., por exemplo, o imperador Valeriano foi humilhado depois de ser feito prisioneiro e mantido “na abjeta forma de escravidão”: usado como banquinho humano pelo governante persa, tendo que “curvar as costas para erguer o rei quando este montava seu cavalo”, teve seu corpo esfolado “e sua pele, arrancada da carne, foi tingida com vermelhão, e colocada no templo dos deuses dos bárbaros, para que a memória de uma vitória tão extraordinária pudesse se perpetuar e aquele espetáculo fosse sempre exibido por nossos embaixadores”.¹⁰⁴ Ele foi empalhado para que todos pudessem ver a estupidez e a vergonha de Roma.

Por ironia, foi justamente a crescente ambição de Roma que ajudou a fortalecer a Pérsia. Em primeiro lugar, ela se beneficiou muito do tráfego de longa distância entre Oriente e Ocidente, que também serviu para deslocar do norte o centro de gravidade político e econômico do império. Antes, a prioridade era ficar perto das estepes, a fim de negociar com tribos nômades e obter animais de criação e cavalos, bem como supervisionar os contatos diplomáticos necessários para evitar a indesejada atenção e demandas dos temíveis povos das estepes. Foi por isso que cidades-oásis como Nisa, Abivard e Dara ganharam importância e passaram a abrigar magníficos palácios reais.¹⁰⁵

Com os cofres centrais alimentados por impostos e taxas de trânsito extraídos do crescente comércio, tanto local quanto de longa distância, começaram a ser implantados grandes projetos de infraestrutura. Entre eles estava a transformação de Ctesifonte, na margem oriental do Tigre, na Mesopotâmia central, em uma importante nova capital, e também a realização de grandes investimentos em portos como Caracena, no golfo, para lidar com o crescente volume de tráfego marítimo, que não era todo ele destinado a Roma – durante os séculos I e II houve um próspero comércio de cerâmica vitrificada da Pérsia para a Índia e Sri Lanka.¹⁰⁶

Mas o efeito mais significativo da atenção militar de Roma foi desencadear uma revolução política. Ao deparar com a intensa pressão de seu vizinho, a Pérsia sofreu uma grande transformação. Uma nova dinastia governante, os sassânidas, emergiu por volta de 220 d.C., com uma nova visão discordante, que exigia a remoção da autoridade dos governadores provinciais, agora independentes em tudo, exceto nominalmente, e a consequente concentração de poder no centro. Uma série de reformas administrativas levou a um controle

mais rígido de quase todos os aspectos do Estado: a prestação de contas foi priorizada, e os funcionários persas eram despachados com selos para registrar suas decisões e para que as responsabilidades pudessem ser rastreadas e se garantisse um relato preciso das informações. Milhares desses selos sobreviveram, mostrando o quanto essa reorganização foi levada a sério.¹⁰⁷

Mercadores e mercados foram regulamentados, e uma fonte registra que os produtores e comerciantes – muitos deles integrando corporações – tinham alocadas áreas específicas em bazares. Isso facilitava o trabalho dos inspetores de assegurar que os padrões de qualidade e quantidade fossem atendidos e, acima de tudo, tornava mais eficiente a coleta de impostos.¹⁰⁸ O foco no ambiente urbano, que era o local da maioria dos intercâmbios comerciais, foi intensificado, e promoveram-se melhorias nos sistemas de suprimento de água, que em alguns casos foram ampliados em vários quilômetros para aumentar os recursos disponíveis e prover condições para maior crescimento urbano. Foram criadas inúmeras cidades, e um texto persa posterior, baseado em material da época, atesta uma explosão no desenvolvimento urbano em toda a Ásia Central, no planalto iraniano, na Mesopotâmia e no Oriente Próximo.¹⁰⁹

Foram empreendidos programas de irrigação em larga escala no Khuzistão e no Iraque, como parte de uma tentativa deliberada de impulsionar a produção agrícola, e devem ter produzido efeitos na redução dos preços dos alimentos.¹¹⁰ Achados arqueológicos mostram que havia uma inspeção dos pacotes antes da exportação, e textos confirmam que cópias de contratos eram seladas e armazenadas em escritórios de registro.¹¹¹ A incorporação de cidades e territórios que haviam estado submetidos aos cuchia por quase dois séculos dentro da própria Pérsia também permitiu intensificar o comércio com o Oriente.¹¹²

À medida que a Pérsia se fortalecia, Roma vacilava. Os sassânidas não eram o único problema, pois por volta de 300 d.C. toda a extensão da fronteira leste do império, que ia do mar do Norte ao mar Negro, do Cáucaso ao extremo sul do Iêmen, estava sob pressão. O império havia sido construído por meio de expansões e estava protegido por um exército bem treinado. Quando o crescimento territorial cessou – ao alcançar os limites naturais do Reno e do Danúbio e as cadeias Taurus e Anti-Taurus no leste da Ásia Menor –, Roma tornou-se uma vítima clássica do próprio sucesso: agora era alvo daqueles que viviam além de suas fronteiras.

Medidas desesperadas foram tomadas para tentar corrigir o preocupante desequilíbrio gerado pela diminuição do rendimento de impostos e pelos explosivos custos de defender as fronteiras – o que levou a inevitáveis protestos. Um comentarista lamentava que o imperador Diocleciano, que tentou lidar com o déficit fiscal de modo agressivo, tivesse criado mais problemas do que resolvido e que, “com sua ambição e ansiedade, tenha virado o mundo todo de ponta-cabeça”.¹¹³ Foi feita uma revisão completa dos ativos do império, como prelúdio de uma reformulação do sistema de impostos. Enviaram-se funcionários a todos os cantos, com assessores que apareciam sem aviso para contar cada vinha e árvore frutífera, a fim de aumentar as rendas imperiais.¹¹⁴ Foi expedido um édito com abrangência em todo o império definindo os preços dos bens básicos, assim como das importações de luxo – sementes de gergelim, cominho, raiz-forte, canela. Um fragmento dessa ordem, recém-descoberto em Bodrum, mostra a que extremos o Estado pretendia chegar: nada menos do que 26 tipos de calçados, de sandálias femininas douradas a sapatos “baixos de cor púrpura no estilo babilônico” tiveram estipulado um preço máximo pelos inspetores de impostos romanos.¹¹⁵

Não à toa, o estresse de tentar restabelecer o império deixou Diocleciano esgotado, e ele se retirou para o litoral da Croácia, a fim de voltar sua atenção para assuntos mais amenos do que os negócios de Estado. “Gostaria que você viesse até Salona”, escreveu ele a um de seus ex-colegas, “e visse os repolhos que eu mesmo plantei”; eram tão impressionantes, prosseguia ele, que “você nunca mais seria tentado pelas seduções do poder”.¹¹⁶ Enquanto Augusto retratava a si mesmo como um soldado numa famosa e magnífica estátua da Prima Porta, na periferia de Roma, Diocleciano preferia apresentar-se como agricultor. Isso resumia bem de que modo as ambições de Roma haviam mudado no decorrer de trezentos anos: de pensar em expandir o império até a Índia a contemplar o cultivo de legumes ganhadores de prêmios.

Enquanto os romanos observavam os eventos com inquietação, uma poderosa nuvem de tempestade se acumulava. Foi o imperador Constantino que partiu para a ação. Filho de um dos homens mais destacados do império, era ambicioso e capaz, e tinha o dom de estar no lugar certo na hora certa. Teve uma visão do que Roma precisava, e foi uma imagem não só muito nítida como perturbadora. O império precisava de uma liderança forte – até aí, algo óbvio a todos. Mas ele tinha um plano mais radical do que simplesmente concentrar poder nas próprias mãos: construir uma nova cidade, uma

nova pérola naquele colar que ligava o Mediterrâneo ao Oriente. A localização que ele escolheu, muito adequada, foi o ponto onde a Europa e a Ásia se encontravam.

Há muito tempo corriam rumores de que alguns governantes romanos pretendiam mudar a sede do poder imperial. Segundo um autor romano, Júlio César ponderou fundar uma nova capital em Alexandria, ou no local da antiga Troia, na Ásia Menor, já que estavam mais bem localizadas para governar as regiões onde residiam os interesses de Roma.¹¹⁷ No início do século IV, isso finalmente aconteceu, com a criação de uma magnífica cidade no ponto de encontro da Europa e da Ásia, o que equivalia a uma declaração de onde o império colocava seu foco.

Uma esplêndida nova metrópole foi construída no local da antiga cidade de Bizâncio, às margens do Bósforo, que com o tempo não apenas rivalizou com Roma, mas sobrepujou-a. Imensos palácios foram erguidos, assim como um hipódromo para corridas de bigas. No centro da cidade, construiu-se uma enorme coluna, esculpida a partir de um único grande bloco de pórfiro, com uma estátua do imperador no alto, olhando para a cidade. A então capital foi chamada de Nova Roma, mas logo ficou conhecida como a cidade de Constantino, seu fundador – Constantinopla. Instituições paralelas foram criadas para espelhar as da cidade-matriz, entre elas um Senado, cujos membros eram vistos por alguns com desprezo como sendo novos-ricos – filhos de artesãos de cobre, de atendentes das termas, de fabricantes de linguças e assemelhados.¹¹⁸

Constantinopla iria tornar-se a principal e a maior cidade do Mediterrâneo, eclipsando de longe as demais em tamanho, influência e importância. Embora muitos estudiosos modernos rejeitem fortemente a ideia de que Constantino tencionava fazer da cidade a nova capital imperial, os pródigos recursos gastos em sua construção falam por si.¹¹⁹ Constantinopla ocupava uma posição dominante em relação a outras rotas cruciais, especialmente o tráfego marítimo que entrava e saía pelo mar Negro, e também como ponto de escuta para os desenvolvimentos a leste e também ao norte – em direção aos Bálcãs e às planícies da Panônia, onde havia problemas em fermentação.

A grande maioria da população da Antiguidade nutria horizontes decididamente locais – o comércio e a interação entre as pessoas davam-se no âmbito de curtas distâncias. Mesmo assim, as redes de comunidades entrela-

çavam-se e criavam um mundo complexo, onde gostos e ideias eram moldados por produtos, princípios artísticos e influências originados a milhares de quilômetros.

Dois milênios atrás, as sedas feitas à mão na China eram usadas pelos ricos e poderosos em Cartago e outras cidades do Mediterrâneo, e a cerâmica manufaturada no sul da França podia ser encontrada na Inglaterra e no Golfo Pérsico. Especiarias e condimentos cultivados na Índia eram usados nas cozinhas de Xinjiang e nas de Roma. Edifícios no norte do Afeganistão ostentavam inscrições em grego, e cavalos da Ásia Central eram montados orgulhosamente milhares de quilômetros a leste.

Podemos imaginar a vida de uma moeda de ouro há dois milênios, estampada talvez numa casa de moeda provincial e usada por um jovem soldado como parte de seu pagamento para comprar bens na fronteira norte na Inglaterra, e reencontrando seu caminho para Roma nos cofres de um oficial imperial, enviado para coletar impostos, antes de passar às mãos de um comerciante que se dirigia ao Oriente, quando seria usada para pagar por produtos comprados de comerciantes que tinham vindo vender suas provisões em Barygaza. Ali seria admirada e apresentada a líderes no Indocuche, que ficariam maravilhados com seus desenhos, formato e tamanho, e então a moeda passaria às mãos de um gravador para ser copiada – um gravador talvez oriundo de Roma, ou da Pérsia, ou da Índia ou da China, ou quem sabe até alguém local, que tivesse sido treinado nas artes da cunhagem. Tratava-se de um mundo conectado, complexo e ávido de intercâmbio.

É fácil moldar o passado num formato que nos pareça conveniente e acessível. Mas o mundo antigo era muito mais sofisticado e interligado do que costumamos às vezes imaginar. Encarar Roma como a progenitora da Europa Ocidental omite o fato de que ela em muitos aspectos era moldada por influências do Oriente. O mundo da Antiguidade foi em muitos sentidos um precursor do mundo como o vemos hoje – vibrante, competitivo, eficiente e dinâmico. Um cinturão de cidades formava uma cadeia que abrangia a Ásia. O Ocidente havia começado a olhar para o Oriente e vice-versa. Junto com o crescente tráfego que ligava a Índia ao Golfo Pérsico e ao mar Vermelho, as antigas Rotas da Seda da Antiguidade fluíam com vida.

Os olhos de Roma fixaram-se na Ásia a partir do momento em que ela passou de república a império. E o mesmo ocorreu, como se veria em seguida, com a sua alma. Pois Constantino – e o Império Romano – havia encontrado

Deus; e a nova fé também provinha do Oriente. Surpreendentemente, não veio da Pérsia ou da Índia, mas de uma pouco promissora província, onde três séculos antes Pôncio Pilatos deparara com a infâmia como governador. O cristianismo estava prestes a se espalhar em todas as direções.

CRÍTICA